

Jornal de Melgaço

ORGÃO DOS INTERESSES LOCAES

ASSIGNATURAS

Anno.	15000 réis
Semestre.	8000 "
África (anno)	25000 "
Brazil (.)	35000 "

PROPRIETARIO E EDITOR

Quarte A. de Magalhães

ANNUNCIOS

Por cada linha.	30 réis
Outras publicações contracto especial.	
Numero avulso.	40 "

EXPEDIENTE

Tendo já terminado o 3.º anno do nosso jornal, prevenimos os nossos estimaveis assignantes que vamos proceder á cobrança das suas assignaturas, e muito penhorados ficaremos, se logo que lhe seja presente o recibo ou avisado de que elle se acha na estação postal, o satisfaçam, para maior regularidade da nossa escripturação.

Lance de propaganda pelas Aguas de Melgaço

Uma circumstancia incidental da actual campanha, que na Africa Oriental, o glorioso Mousinho d'Albuquerque iniciou contra os namarraes, na provincia de Moçambique, pode abrir, se for aproveitada, um largo futuro ás Aguas de Melgaço.

Esta minha affirmativa poderá fazer sorrir a mais d'um, que aos seus bofões perguntará, admirado: E' bóá! Então que ligação haverá entre a campanha dos namarraes em Moçambique e as Aguas de Melgaço?

Como é que aquella pode influir no progresso, desenvolvimento e propaganda d'estas? Isto parece, em verdade, reclamo á americana; e todavia é a coisa mais natural d'esto mundo, como os meus leitores vão ver. A questão está em se aproveitar o lance.

Assim se me affigura; mas se é illusão minha, pelo muito interesse que me essas aguas merecem, se é coisa viavel e pratica decidirão quantos tiverem a paciencia de me acompanhar n'esta digressão, em que principalmente me dirijo aos directores ou commandatarios da empresa, que não devem perder, por interesse d'elles e bem do publico, todas ás occasiões e modos de tornar conhecidas e acreditadas as bellas Aguas de Melgaço.

Eis o caso. Um official expedicionario, na guerra contra os faes namarraes, escreveu uma carta a um amigo de Lisboa; e n'ella, entre outras coisas, diz o seguinte:

«A sede, a sede! E' o nosso maior flagello. E' o nosso terror.

Desde que desembarcámos no continente, ainda não cessei de beber. Bebo tudo o que encontro á mão: agua negra, alcool, vinho, tudo. Aos meus camaradas succede o mesmo e nada nos sacia.

Esta noite, o tenente Vellez e eu levantamo-nos doitados com sede, e fomos—ô felicidade!—esbarrar com um garraão de agua dos Cucos, pertencente ao capitão Vianna, de cavallaria. Bebe-mos tudo! O Vianna chamou-nos

ladrões: um garraão, que tinha custado 73000 reis!

Nunca agua dos Cucos foi tão bem empregada. O Vellez consolou-se com a idéa de que nunca mais em sua vida teria reumatismo.»

As *Novidades*, (*) de Lisboa, que viram e publicaram o trecho, acompanharam-no com o seguinte commentario, mui digno de ser tomado em conta, porque é a expressão da verdade e do bom senso:

«A parte humoristica d'esta narrativa contem a indicação d'uma necessidade importante, a que cumpre attender. A sede, a falta de boa agua, é effictivamente um dos flagellos, que mais atormenta os expedicionarios da Africa.

«Manifestamente, não é possível fazer acompanhar as columnas em operações por carros cheios de garrafas ou barris de boa agua. *A la guerre comme á la guerre*. Em campanha, os nossos officiaes e soldados terão de sujeitar-se a todas as inclemencias e privações, que occorrerem; e elles sabem supportal-as com uma energia soffredora, que não dá abertura a nenhuma queixa ou protesto.

«Mas quando as columnas repousam em acampamentos ou postos fortificados, ou recolhem a refazer-se na base de operações, é conveniente, que ali encontrem os confortos mais accomodados á boa hygiene da vida. Para os doentes e convalescentes ainda isso é mais necessario. Ora, entre todos, o mais indispensavel é a boa agua.

«Nas anteriores expedições, tem-se mandado os mais variados artigos de alimentação e pharmacia, mas descurrou-se a agua, que aliás participa d'uma e outra qualidade. Os francezes, na campanha de Madagascar, fizeram-se acompanhar por alguns carros com agua de Vichy, de Saint-Galmier, etc. E era, de todas as bagagens, a que o estado maior mais defendia, o que deu lugar a varias criticas, mas que permittiu ao estado maior chegar intacto a Tananarive, e poder lá chegar a columna de occupação, que, sem elle, não teria lá entrado.

«Não pedimos tanto. Não queremos que as columnas em operações levem atraz de si mais esses *impedimenta*. Mas pedimos, que haja garrafas de boa agua em abundancia nos postos de occupação e de base de operações, o que é relativamente facil e pouco dispendioso.

«Cremos que o governo poderá obter, a baixo preço, alguns milhares de garrafas de aguas de Vidago, das Pedras Salgadas, de Bem-Saude, etc. O patriotismo das respeitivas empresas não se recusará, de certo, a um accordo, que lhes salve apenas a despeza. Pode ainda o governo recorrer ás aguas silicadas do estabelecimento balnear do Luzo, que, pelas ultimas analyses, e sob a auctoridade d'uma das nossas mais justamente reputadas snmidades scientificas, podemos inculcar como sendo magnificas para uso interno; e ali só terá a despeza das vasilhas e do engarramento. Não nos faltam aguas excellentes para mandar, e que corrijam, pelas suas qualidades medicinas, o que haja de anormal nos exaggeros de sede, a que ficam sujeitos os expedicionarios.

«O que é essencial é mandal-a, e em grande quantidade, como reserva alimentar e hygienica. Não ha tempo a perder.

«E' isto o que pedimos ao governo, e em especial aos srs. ministro da guerra e da marinha, aos quaes mais particularmente incumbe intervir no assumpto.»

O que eu noto com desprazer, na resenha das aguas mineraes a que as *Novidades* se referem, é a *omissão das Aguas de Melgaço*.

Falam nas de Vidago, Pedras Salgadas, largamente conhecidas

(*) *Novidades* n.º 3-882, de 27 novembro 1896.

e acreditadas, e até nas de Bem Saude, que são de bem somenos valor que as anteriores, e muito menos que as de Melgaço!

Tambem não esqueceram ás *Novidades* as Aguas de Luzo, apenas conhecidas e frequentadas pelas pessoas das cercanias de Coimbra, e mais pela visinhança do Bussaco, em cuja encosta ficam, e para banhos, que para uso interno. E' tambem isso natural, por ellas serem mui conhecidas do illustre proprietario do chalet principesco do Luzo.

O que esta propaganda pelo necessario e proveitoso consumo de aguas mineraes para as expedições africanas está exigindo da empresa das Aguas de Melgaço é que saia tambem para a rua, e as faça conhecidas.

De que modo? Apressando-se já a oferecer ao *ministerio da marinha* 2,3,4 ou 5:000 garrafas, salvas as despezas.

Não ganhava agora; mas esta semente fecundaria, e produziria cento por um.

Em 1.º lugar tornavam-se conhecidas no paiz, pois todos os diarios de Lisboa e as estações officiaes falaria na remessa que ao ministerio da marinha acabava de chegar; sendo então occasião propicia para d'ellas, e de suas virtudes se falar mais vantajosa e largamente, o que daria lugar a que a concorrencia de Lisboa crescesse já este anno; em 2.º lugar, tornavam-se conhecidas no ultramar, e no estrangeiro, porque a noticia correria mundo.

E não seria pequenô o consumo que para ellas se havia de abrir nas nossas colonias.

Depois, os soldados expedicionarios que de lá voltassem, tendo experimentado lá os beneficios d'ellas, quando precisassem ou descansar ou refazer forças ou saude, por certo que a Melgaço iriam ter em grande numero.

Parecia-me, pois, medida de toda a conveniencia e de grande alcance, e até de certa urgencia, que a empresa das Aguas de Melgaço fizesse desde já offerecimento aos expedicionarios de Mousinho d'Albuquerque de todas as garrafas disponiveis, salvas as despezas, mesmo sem um real de interesse, officinando ao ministro que a mesma empresa sentia não estar em condições financeiras taes que lhe permittam a offerta gratuita, como faria, se não estivesse pouco menos que embryonaria.

Ao passo que seria aplaudida pela opinião publica, engrandecia-se com um *rasgo de patriotismo*, sem que soffresse algo, antes ao contrario, com grande proveito proprio, dos que bebesses as aguas, e do publico melgacense.

Não sei, sr. redactor, se esta minha lembrança terá cabimento, ou será coisa digna de ser tomada em consideração; o que porem lhe posso affirmar é que ella é dictada tão sómente pelo mais sincero e puro interesse por essas beneficis Aguas, e sem ne-

nhum intento de me metter na vida dos outros.

Offereço este alvitre, que me occorreu agora mesmo, ao terminar a leitura do artigo das *Novidades*, com a mira na prosperidade da empresa d'essas aguas, a fim de que ellas tenham os beneficios a que tem jus.

Este é o criterio com que escrevo e lhe dirijo, sr. redactor, estas abreviadas regras, fazendo votos porque ellas sejam do aprasimento de todos os bons melgacenses, a que se confessa grato, o

De v. etc.

Lamego, 30 de Novembro 1896.

MGR. ALMEIDA SILVANO

Zig-zags Litterarios

BEAUMARCHAIS, O SEU TEMPO E AS SUAS OBRAS

(PAGINAS D'UM LIVRO)

II

Foi um capricho das filhas de Luiz 15.º, que tendo ouvido falar do ingenho do mancebo e da sua destreza n'aquelle instrumento, o chamaram, movidas de curiosidade, e prestaram-se a ser discipulas na divina arte de tocar guitarra.

Beaumarchais aproveitou ensejo tão propicio para dar largas á sua ambição.

Tão captivadas ficaram as filhas do sybarita monarcha, das qualidades do seu professor, que poucos dias depois era Beaumarchais uma das pessoas mais influentes do palacio.

E diga-se depois, que tocar guitarra não conduz a coisa alguma.

As filhas do rei quizeram fazel-o rico e poderoso, e para esse fim recommendaram-no a Pariz Duverney, que logo descobriu em Beaumarchais um homem intelligente e apto para as mais complicadas operações do alto commercio.

A admiração do opulento capitalista pelo seu joven alliado, augmentára extraordinariamente n'uma occasião em que teve ensejo de prestar ao seu protector um relevante serviço.

Pariz Duverney fundára a escola militar, e ficaria plenamente satisfeito com a sua obra, se conseguisse que el-rei se dignasse visital-a, e conceder ao cortesão fundador a recompensa da sua regia approvação.

Que El-Rei visitasse a escola militar, tal era a preocupação tenaz e constante de Pariz Duverney. Havia nove annos que empregava desesperados esforços para o conseguir; nove annos que afagava esta idea fixa, mas todas as suas tentativas goravam diante da indolencia do monarcha.

Beaumarchais tanto fez para satisfazer o capricho do seu pro-

tector, e tão opportunamente se soube valer da intervenção das filhas de Luiz 15.º, que poucos dias depois de empregarem as suas diligencias ellas levaram seu pae á escola militar.

E' desnecessario encarecer quão agradecido ficou Pariz Duverney ao engenhoso corteção.

Em outra occasião demonstrou Beaumarchais a flexibilidade do seu talento:

Tinha uma irmã em Madrid, e um dia recebeu uma carta dando-lhe conta de que Clavijo, alto dignatario da cõrte hespanhola, abusára sob palavra de casamento, da formosura da joven franceza, deixando-a em seguida abandonada e moribunda, victima do amor e do opprobrio.

Beaumarchais partiu para Madrid, e apesar de que Clavijo tinha uma elevada posição official, e contava com poderosos valedores, Beaumarchais alcançou a sua destituição e desterro.

Durante muito tempo gosou de grande privança na cõrte. Luiz 15.º dizia do antigo relojoeiro:

—Gosto muito de Beaumarchais.

—Porque? perguntou-lhe um dos familiares cheio de assombro.

—Porque me diz a verdade.

Um dia um pobre corteção pretendente zombar d'este plebeu, que escalara o mais invejavel favor.

Para o mortificar, não achou nada mais proprio que lembralhe a sua origem.

—Espere lá, senhor Beaumarchais, disse-lhe n'uma das antecelas da cõrte, o meu relógio anda mal. Tem a vontade de lhe dar um golpe de vista.

Beaumarchais, sem perder a serenidade e com sorriso corteção, redarguiu-lhe:

Com muito gosto; mas devo prevenil-o de que tenho muito pouca pratica.

O nobre entregou-lhe a joia, e o indusado plebeu deixou-a cair no chão, onde se amolou e escangalhou.

—Pois, senhor, acrescentou o antigo relojoeiro, com um sorriso triumphante. Já o tinha prevenido. Sou muito pouco habil na arte de compôr relógios.

Pouco tempo depois morria Pariz Duverney.

Beaumarchais associado ás empresas d'este homem, fizera uma grande fortuna.

O legatario do defunto era o Conde de La Blache, que ao reclamar-lhe Beaumarchais 15:000 francos que lhe pertenciam, entendeu dever negar a divida.

A questão passou então aos tribunaes de justiça.

Deve-se saber que a administração da justiça atravessava em França um periodo muito critico. A magistratura feudal e hereditaria, succedera por certas deficiencias com a corôa, uma magistratura saíta do terceiro estado. Os tribunaes de Meaupeon, que assim se chamavam, tomando o nome do ministro que as estabe-

